

ANÁLISE DA REUTILIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO NA SUSTENTABILIDADE DO TURISMO CULTURAL

Ariadne Pignaton¹

Elidomar Alcoforado²

Belmira Antunes³

Ana Claudia Costa Gomes⁴

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre a reutilização do património arquitetónico e a sustentabilidade do turismo cultural. O estudo foi realizado na antiga Província da Piedade, Alentejo/Algarve, em Portugal, nomeadamente, nos conventos Capuchos desta região. Para a consecução do objetivos, realizou-se uma pesquisa, pondo-se em paralelo os conventos que foram reutilizados ou transformaram-se em hotéis, museus, ou outro equipamento turístico. A metodologia utilizada baseou-se em abordagem qualitativa, no método de foto-elicitación e na análise de conteúdo, a partir de entrevistas semi-estruturadas com os responsáveis pelos espaços investigados, além da observação *in loco*. O arcabouço teórico compôs-se dos estudos de turismo cultural, sustentabilidade no turismo e património arquitetónico. Os resultados permitiram inferir que a reutilização dos patrimónios edificados contribuiu positivamente para a sustentabilidade do turismo cultural.

Palavras-chave: Turismo Arquitetónico. Sustentabilidade. Turismo Cultural. Conventos. Capuchos.

¹ Universidade do Algarve, taadde@gmail.com

² Universidade do Algarve

³ Universidade do Algarve

⁴ Universidade do Algarve

ANALYSIS OF THE REUSE OF ARCHITECTURAL HERITAGE TO CULTURAL TOURISM SUSTAINABILITY

Abstract

This article aims to analyze the relationship between the reuse of architectural heritage to cultural tourism sustainability. The study was conducted in the ancient province of Piedade, Alentejo/Algarve, Portugal in particular Capuchin monasteries in this region. To achieve the goals, there was a survey, putting in parallel the convents that were reused or turned into hotels, museums or other tourist equipment. The methodology used was based on qualitative approach, through the method of photo-elicitation and content analysis from semi-structured interviews with those responsible for the investigated areas, as well as on-site observation. The theoretical framework was made up of cultural tourism studies, sustainable tourism and architectural heritage. The result showed that the reuse of built heritage contributed positively to the sustainability of cultural tourism.

Keywords: Architectural Tourism. Sustainability. Cultural Tourism. Convents. Capuchos.

1. INTRODUÇÃO

O crescimento da atividade turística tem permitido uma troca e intercâmbio cada vez maior entre os agentes envolvidos no sistema do turismo, permitindo a experiência e interação entre o turista e a comunidade, com a conseqüente troca de vivências, impressões e conhecimento, eminentemente no que concerne ao turismo cultural. Assim, dentro de uma visão de sustentabilidade, o turismo de cunho cultural pode contribuir para a valorização e preservação dos atributos culturais de um povo, especificamente em relação ao património arquitetónico da localidade (Giudici et al., 2012, Ingram, 2003, McKercher et al., 2005, Vargas-Hernández, 2012).

Patrimónios arquitetónicos seculares necessitam de um maior esmero em sua preservação, e envolvê-los com enfoque turístico torna possível a reutilização do património e sua valorização, podendo o valor cultural ser decomposto nos elementos de valor estético, valor espiritual, valor social, valor histórico, valor simbólico e valor de autenticidade (Throsby, 2009). Este trabalho intenta analisar a relação entre a reutilização do património arquitetónico e a sustentabilidade do turismo cultural, tendo

como objeto de estudo os conventos Capuchos da antiga Província de Piedade, Alentejo/Algarve, em Portugal, construídos desde o séc. XVI.

É importante ressaltar o caráter simbiótico da relação entre turismo e cultura (UNWTO, 2001), e por conseguinte, entre turismo e património cultural, já que o uso do património como produto turístico pode trazer como consequência a sua conservação, enquanto o isolamento e abandono de patrimónios históricos podem levar à sua degradação. Para eficácia desta ação de ajuda mútua entre turismo e cultura, o papel da interação entre governo, comunidade e stakeholders da atividade turística torna-se crucial para uma ação sustentável efetiva (Ahebwa, 2015, UNWTO, 2006, Throsby, 2009, Salazar, 2012).

Em relação ao património histórico-cultural da antiga Província da Piedade, atual região do Alentejo e Algarve, em Portugal, os conventos Capuchos apresentam-se como de grande importância, pois trazem, além do caráter histórico-religioso, o aspecto arquitetónico, a autenticidade e o valor social do que representou na formação histórica de Portugal (Marado, 2008). Investigar como se apresentam hoje estes monumentos seculares, e a que se destina o seu uso, *vis a vis* a atividade turística, permite conhecer mais a fundo a relação da tríade turismo-património-cultura numa óptica de sustentabilidade.

Concernente à sustentabilidade do turismo cultural, deve-se considerar os aspectos dos impactos causados pela atividade turística. A visão de sustentabilidade do turismo, neste sentido, reside no fato de usar os recursos atuais, garantindo o usufruto para as gerações futuras, focando na tríade ambiente, sociedade e economia. Ou seja, a atividade turística deve promover um crescimento econômico para a comunidade local, sem perda de sua identidade sociocultural, evitando-se, ainda, danos ao ambiente (UNWTO, 2013), minimizando, assim, os efeitos da externalidade negativa da atividade turística. Para isso, deve-se ter em mente que o turismo sustentável não é uma tipologia de turismo, mas um modo de agir, uma filosofia, algo que permeia toda a atividade turística, atingindo, desta maneira, a todos os atores envolvidos com a atividade turística, seja a comunidade, sejam os turistas, o mercado, órgãos governamentais, órgãos não governamentais, entre outros (Ruhanen, 2013).

Neste sentido, a sustentabilidade cultural alicerça-se na preservação dos padrões socio-culturais de uma sociedade e a gestão do património cultural relaciona-se diretamente com esta sustentabilidade (McKercher e Cros, 2002, Soini e Birkeland, 2014). Assim,

para aprofundar-se no cariz de preservação desta tipologia de turismo, faz-se necessário um olhar mais atento aos conceitos de turismo cultural, já que o “lugar e a sua singularidade estão cada vez mais existentes na procura turística” (Cravidão e Santos, 2013:10).

2. TURISMO CULTURAL

Refletir sobre a relação entre a reutilização do património arquitetónico e a sustentabilidade do turismo cultural implica, *a priori*, problematizar os conceitos de turismo cultural, sua evolução e importância. Parte-se, assim, da definição de turismo dada pela World Tourism Organization (UNWTO) como a deslocação de pessoas com permanência inferior a um ano motivados pela diversão, negócios, entre outros (UNWTO, 2010).

O conceito de turismo cultural não tem sido imutável, tem sofrido algumas variações na sua conceção, devido ao próprio conceito de cultura, que nos dias de hoje abarca tanto o património material como o imaterial. Nesta aceção, a noção de património cultural, é uma construção social, como é defendida por Prats (1997: 19). Ao longo dos anos, observa-se que os recursos associados ao turismo cultural alargaram-se indo do património tangível para o intangível e móvel, bem como o da cultura contemporânea (Richards, 2001). Para Urry (1994: 233) “*turismo é cultura*”, e a atividade turística sempre esteve relacionada com o conhecimento de novos lugares e culturas.

Diversos autores caracterizam o turismo cultural. Para Baudrihay (1997), o turismo cultural invoca a criação e a memória do homem, o testemunho do seu passado, da sua história. Moletta e Goidanich (2000) consideram que o turismo cultural é o acesso ao património cultural, ou seja, à história, à cultura e ao modo de viver de uma comunidade. Mais recentemente, o turismo cultural, de acordo com Petroman (2013), refere-se às formas de arte (cultura) tanto na área urbana como rural de uma região ou país, e sendo definido por Richards (1996) como o movimento de pessoas para as atrações culturais longe do seu local de residência habitual com o objetivo de assimilar informações e experiências culturais. Ainda de acordo com este autor, o problema da definição do turismo cultural foi um dos maiores estímulos para o lançamento do Projeto de Investigação em Turismo Cultural pela European Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS) em 1991.

2.1. Turismo cultural: Uma abordagem histórica

Fazendo uma análise cronológica, verifica-se que, já com a Carta de Atenas de 1931, mesmo que o tema principal estivesse voltado para a conservação, recomendava-se que se devia manter a ocupação dos monumentos para assegurar a continuidade da sua sobrevivência, devendo, desta forma, serem utilizados de modo a que se respeite o seu teor histórico ou artístico. Após a II guerra mundial, na década de 1960, a salvaguarda do património deixa de ser a única preocupação principal, passando a reutilização do património ser o principal tema. Começa-se a assistir à reabilitação patrimonial e o aumento exponencial da atividade turística. É nesta altura, que começam a surgir uma proliferação de novas instituições, e diversas documentações como cartas e convenções internacionais em torno do património e turismo. Em 1964, é escrita a Carta de Veneza (Gazzola et. al. 1964), cujo fim foi ampliar o conceito de património. No seu artigo 4.º, define que “a conservação dos monumentos é sempre facilitada pela sua utilização para fins sociais úteis”, ou seja, a ideia de utilização ou reutilização estava inerente.

Em 1965, surge o Internacional Council of Monuments and Sites (ICOMOS), criado para promover a conservação e proteção, a utilização e valorização de monumentos, conjuntos, e sítios. Em 1975, elabora-se a Carta Europeia do Património Arquitetónico, alertando para os valores patrimoniais insubstituíveis. Em 1976, realiza-se a reunião de Nairobi, onde se propõe diretrizes relativa à salvaguarda dos conjuntos históricos e sua relevância na vida quotidiana. Também neste ano, surge a “Carta do Turismo Cultural” referindo a importância de proteger o património mundial, cultural e natural, bem como fazer a gestão dos sítios patrimoniais com um equilíbrio entre o património e o turismo.

No ano de 1985, emerge a carta de turismo e código do turista, destacando-se a importância do comportamento dos turistas face ao Património, vislumbrando assim, a questão da sustentabilidade. Um ano depois, com a Declaração de Haia, destaca-se a pertinência em fazer um controle da atividade turística, para a integridade dos recursos patrimoniais. Nos anos 1990, a própria questão em definir o turismo cultural foi um dos maiores estímulos para o lançamento do projeto de investigação, neste tema, pela European Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS), publicado em 1991. Em 1999, é redigida a carta internacional sobre o turismo cultural, destacando a interação dinâmica entre turismo e património e a utilização e reutilização dos recursos culturais.

Ao longo do tempo, constata-se que as políticas e linhas estratégicas definidas pelas organizações internacionais ligadas ao setor turístico e cultural, nomeadamente a Organização Mundial do Turismo e a Comissão Europeia apontam para a utilização (e possível reutilização) do património cultural como uma mais-valia para o turismo cultural e a sua sustentabilidade (UNWTO, 2011).

Fazendo uma análise cronológica em Portugal, verifica-se que em 1929 foi criada a Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), que inicia de forma sistemática um conjunto de obras de restauro e recuperação do património arquitetónico. Nos anos 1980, foi criado o Instituto Português do Património Cultural (IPPC), convertido, posteriormente, no Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), organismo que tutelava a aplicação de leis relativas à proteção e salvaguarda do património arquitetónico em geral. Mais tarde, em 2007, foi criado o Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR), uma fusão entre o IPPAR, o Instituto Português de Arqueologia (IPA) e a DGEMN. Durante muitos anos, elaboraram-se programas de reutilização dos monumentos, que tiveram um grande incremento com os financiamentos comunitários. Um dos caminhos encontrados para garantir intervenções nos monumentos foi atribuir-lhes destino hoteleiro. A filosofia durante os anos 1980 e 1990, em Portugal, foi a reutilização do património arquitetónico.

De acordo com a Lei de Bases do Património Cultural Português, 107/2001 de 8 de setembro, no seu artigo 44.º

A lei definirá outras formas para assegurar que o património cultural imóvel se torne um elemento potenciador da coerência dos monumentos, conjuntos e sítios que o integram, e da qualidade ambiental e paisagística. [...] O Estado, as Regiões Autónomas e as autarquias locais promoverão, no âmbito das atribuições respetivas, a adoção de providências tendentes a recuperar e valorizar zonas, centros históricos e outros conjuntos urbanos, aldeias históricas, paisagens, parques, jardins e outros elementos naturais, arquitetónicos ou industriais integrados na paisagem.

Patente nesta lei está o interesse dado pelas entidades competentes da cultura, na reutilização do património arquitetónico. Os programas de aproveitamento turístico são um dos instrumentos do regime de valorização dos bens culturais, estando portanto incluída aqui a utilização e reutilização dos conventos.

2.2 As perspetivas do turismo cultural, património e sustentabilidade cultural

Richards (2013) considera que o turismo cultural é um dos segmentos mais importantes do turismo. Desde os anos 1970, que diversos organismos têm reclamado o turismo cultural como uma ferramenta de desenvolvimento das regiões e também fundamental na preservação e conservação do património edificado, e sua envolvente. O património cultural construído é uma componente essencial da indústria turística, com implicações sociais e económicas, mais ou menos evidentes. A utilização pertinente dos recursos culturais permite, diversificar a oferta turística, revigorando assim as economias locais.

Como refere Garrigó (1998), o turismo cultural administra o património de modo que este não se deteriore e pereça, que se reabilite, enriqueça, seja conhecido e disfrutado por todos, convertendo-se num elemento de desenvolvimento económico e social. No entanto, a multiplicidade de definições e perspetivas de turismo cultural revela a importância na relação entre turismo e cultura. Estes dois temas unificados desenvolvem produtos estimulando experiências enriquecedoras, únicas e diferenciadoras (Smith, 2004, Valle et al., 2011). Ao cruzar as duas realidades - turismo e cultura, são várias as relações reconhecidas pelos autores. De acordo com Ashworth (1995) as principais atividades turísticas ligadas às manifestações culturais são: os museus, as galerias de arte, os eventos musicais, o teatro e a ópera, o turismo das artes, bem como a arquitetura conventual, objeto de estudo desta investigação.

De acordo com Bonink (1992), é possível tecer duas abordagens diferentes para a definição de turismo cultural, sendo a primeira chamada de sítios and monumentos, focando nas tipologias de atrações visitadas pelo turista cultural, enquanto na segunda, atenta-se nas motivações (culturais) do turista. Existem duas linhas de observação, a cultura vista como recurso turístico e a atividade turística vista como cultural. O turismo cultural, seja ele como o principal motivo, ou como atividade complementar da experiência do turista, converte-se numa modalidade de crescente importância, com implicações económicas evidentes, tendo ainda a vantagem de contribuir para a conservação dos bens culturais inserindo-se num contexto de desenvolvimento local integrado e sustentável, (Peralta, 2003).

Segundo um estudo realizado por Ferreira (2003) sobre as atrações turísticas-culturais que se localizam em contextos urbanos, entre os primeiros benefícios da sua valorização figura a regeneração e auto-sustentabilidade do próprio património. Visivelmente, os impactos positivos repercutem-se também ao nível económico. Como o turismo, de uma forma geral origina efeitos multiplicadores numa economia recetora (Cooper et al., 1998), sobretudo a nível local (Cupeto, 2003), uma gestão sustentável da atividade turística aliada ao património influencia a revitalização de muitas atividades económicas tradicionais e cria emprego no local onde a atração está inserida (Mason, 2003).

De acordo com Costa (1996), o turismo cultural quando bem administrado só traz impactos positivos, pois não só é compatível com a valorização e promoção dos recursos patrimoniais, mas estão também fortemente interligados, e o seu sucesso individual depende da relação de uma com a outra. A Organização Mundial do Turismo relaciona a sustentabilidade cultural ao respeito à autenticidade sócio-cultural da comunidade, conservando suas construções e vida do património cultural e valores tradicionais, além de contribuir para o entendimento inter-cultural e tolerância (UNWTO, 2013), alinhando-se, assim, a preservação do património histórico a esta perspectiva.

3. Metodologia

A metodologia alicerçou-se em abordagem qualitativa, baseando-se em “processo não matemático de interpretação, feito com o objetivo de descobrir conceitos e relações nos dados brutos, e de organizar esses conceitos e relações em um esquema explanatório teórico” (Strauss e Corbin, 2008: 24). Escolheu-se a pesquisa qualitativa por alinhar-se ao fenômeno investigado e devido à subjetividade presente nos métodos utilizados, nomeadamente, a análise fotográfica e observação, não partindo, desta maneira, de hipóteses pré-estabelecidas.

O estudo delineou-se, quanto aos objetivos, em uma pesquisa exploratória, pois intenta explicar o porquê do fenômeno observado a partir dos resultados oferecidos, além de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias para a formulação de abordagens posteriores (Gil, 2008). Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa de campo, já que para retratar a realidade investigada, foram realizadas visitas in loco, realizadas observações, além do uso da técnica de análise fotográfica e entrevista com atores no próprio *locus* da unidade de análise, como apregoa Jennings (2010), usando-se da foto-elicitação.

Quanto à tipologia do estudo, trata-se de um estudo de caso, que, baseado em Gerring (2007), busca um aprofundamento de um estudo específico, visando uma investigação mais aguçada do fenómeno, ao mesmo tempo em que promove uma visão holística dos acontecimentos da vida real, tendo em evidência o cariz de investigação empírica dos fenómenos contemporâneos (Yin, 2013).

Neste sentido, realizou-se a investigação de todos os 20 conventos distribuídos no Alentejo e Algarve, e observou-se os que foram readaptados ou reutilizados para uso de atividade turística, bem como o estado de conservação dos mesmos, no período de agosto a novembro de 2014, buscando-se identificar a relação entre a reutilização do património arquitetónico histórico com o turismo cultural. Foram selecionados, assim, os conventos que se destinaram a museu, meios de hospedagens e atrativos culturais. Além disso, foram realizadas, neste período, análise de fontes primárias e secundárias alusivas à unidade de análise.

Para o tratamento dos dados foi utilizado o método de análise fotográfica, observação direta e foto-elicitación, além da coleta de imagens dos conventos analisados na internet. Flick (2009) aponta para o facto de que a análise fotográfica é uma técnica muito utilizada nas disciplinas de história da arte, antropologia, etnografia, entre outros, permitindo analisar mais pormenorizadamente o objeto de pesquisa, muito além da observação *in loco*. Algumas vantagens no uso de câmeras na pesquisa social podem ser elencadas (Flick, 2009: 241):

As câmeras permitem registros (gravações) detalhadas de factos, proporcionam uma apresentação mais abrangente e holística de estilos de vida e de condições sociais, possibilitam o transporte de artefatos e a apresentação destes como retratos, permitem a transgressão de limites de tempo e espaço, podem capturar fatos e processos que sejam muito rápidos ou complexos para o olho humano, permitem registros (gravações) não-reativas das observações, são menos seletivas que as observações e as fotografias ficam à disposição de outras pessoas para serem reanalisadas.

Além disso, foi realizada a técnica de foto-elicitación, onde se utilizam imagens para colher impressões dos entrevistados (Harper, 2004), a fim de estimular a entrevista. Para o tratamento das entrevistas e textos utilizados, buscou-se o método de análise de conteúdo, identificando-se e extraindo-se as categorias que emergiram dos domínios

alusivos aos objetivos da pesquisa, a partir das fontes primárias e transcrição das entrevistas realizadas, seguindo os estágios de análise de conteúdo qualitativa definidos por Bardin (2006). Após isso, foram relacionadas as categorias encontradas *vis a vis* o arcabouço teórico utilizado, para proceder-se às inferências de análise. Foi realizada, ainda, triangulação dos dados, já que se utilizou de fontes diversas para observar-se e analisar-se o mesmo fenômeno (Bryman, 2015), incrementando a investigação e fiabilidade da análise.

4. OS CAPUCHOS – BREVE CARACTERIZAÇÃO

A regra de São Francisco desfaleceu dos seus rigores, obrigando que houvesse reformas para corrigir inadvertências que o tempo foi introduzindo na ordem franciscana. Germinaram diversas reformas com estilos e nomes diferentes, consoante os fundadores e os lugares onde tiveram origem, porém, muitas desapareceram. Apesar das dificuldades encontradas, os Capuchos resistiram. O fundador da ordem dos Capuchos foi Frei João de Guadalupe, cujo objetivo era observar o Evangelho à letra e ter como lema a pobreza e a humildade.

Apoiados pelo Duque de Bragança, D. Jaime, os Capuchos fundaram em 1500 o primeiro convento em Portugal, que foi edificado em Vila Viçosa e era dedicado à Nossa Senhora da Piedade, cuja evocação deu nome à custódia. Com o êxito alcançado, em 1517 a custódia foi elevada à Província.

A Província da Piedade possuía vinte conventos, distribuídos no Alentejo e no Algarve e um Hospício em Lisboa (Faro, 1721, Almeida, 1968, Azevedo, 2000).

4.1 Os Conventos Capuchos da Província da Piedade: perspectiva arquitetónica

Os conventos Capuchos apresentam características muito próprias, determinadas pelas rígidas regras de São Francisco. As características arquitetónicas eram definidas pelos princípios da pobreza. A localização para construção tinha como primeiro critério de escolha o distanciamento dos aglomerados urbanos, ou seja, sítios ermos e contemplativos. A arquitetura destes conventos apresenta-se paradigmática, apesar de alguns já terem sofrido alterações ao longo do tempo (Marado, 2008, Monforte, 1696).

Segundo Medinas (1994), os edifícios detêm formas “tipicamente Capuchas”, definem-se pela igreja e pelo conjunto de dependências que lhe completam, organizadas a volta do claustro. Estas dependências eram compostas por uma sala de leitura, de trabalho, de meditação, dormitórios, cozinha, refeitório, sala de Capítulo, entre outras.

O desenho da fachada da igreja, facilmente reconhecível na paisagem, resulta da conjugação de um triângulo isósceles e um quadrado. Sobre o triângulo surge um frontão de cornija saliente encimado por um acrotério com uma cruz, a ladeá-lo aparecem simetricamente dois campanários, que confere a fachada uma verticalidade mais acentuada (Medinas, 1994), como visto na Figura 1.

Figura 1. Fachada das igrejas dos conventos de Santo António de Tavira e convento de Santo António de Alter-do-Chão.



Fonte: Os Autores

Ao centro, por cima do alpendre, rasga-se um janelão que pode ser ladeado por dois nichos com imagens ou por duas janelas cegas. Por vezes, para completar a composição, surge, sobre este janelão, um nicho também com imagem (Medinas, 1994), exemplificado na figura 2.

Figura 2. Fachada com janelão ao centro, convento de Santo António de Elvas.



Fonte: Os Autores

O alpendre, acesso aos conventos, pode apresentar três arcos de volta perfeita iguais, três arcos sendo o central mais elevado, uma serliana, ou um arco que pode ser abatido ou de volta perfeita (Medinas, 1994), conforme figura 3.

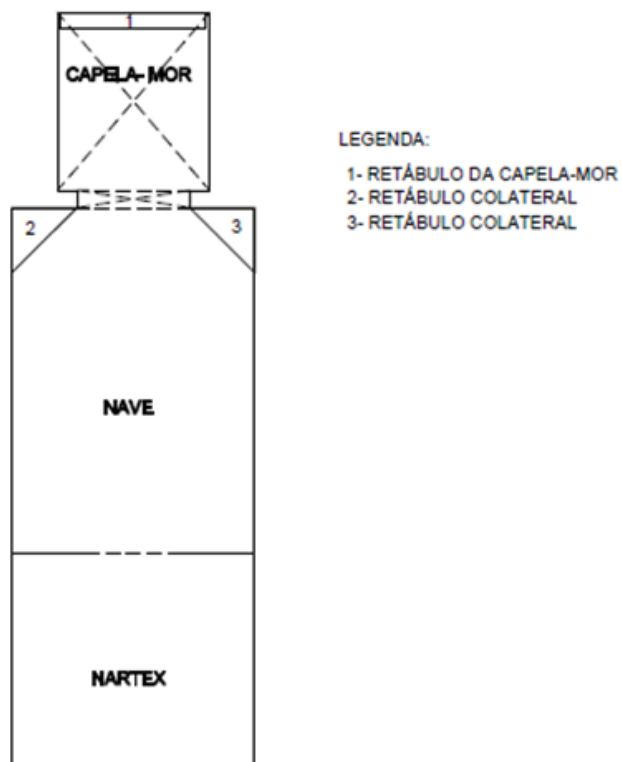
Figura 3. Alpendres.



Fonte: Os Autores

Todas as igrejas são de nave única com medidas muito semelhantes entre si. O desenho apresenta dois retângulos (nave e a capela-mor) e um quadrado, representando o nartex, representado na figura 4.

Figura 4. Planta da Igreja do Convento de Tavira



Fonte: Pignaton (2014)

A maioria dessas igrejas ostentam apenas três retábulos, o retábulo-mor localizado na parede testeira e os dois colaterais, junto ao arco triunfal (Pignaton, 2014) (ver figura 5).

Figura 5. Retábulos da Igreja do Convento de Redondo



Fonte: Os Autores

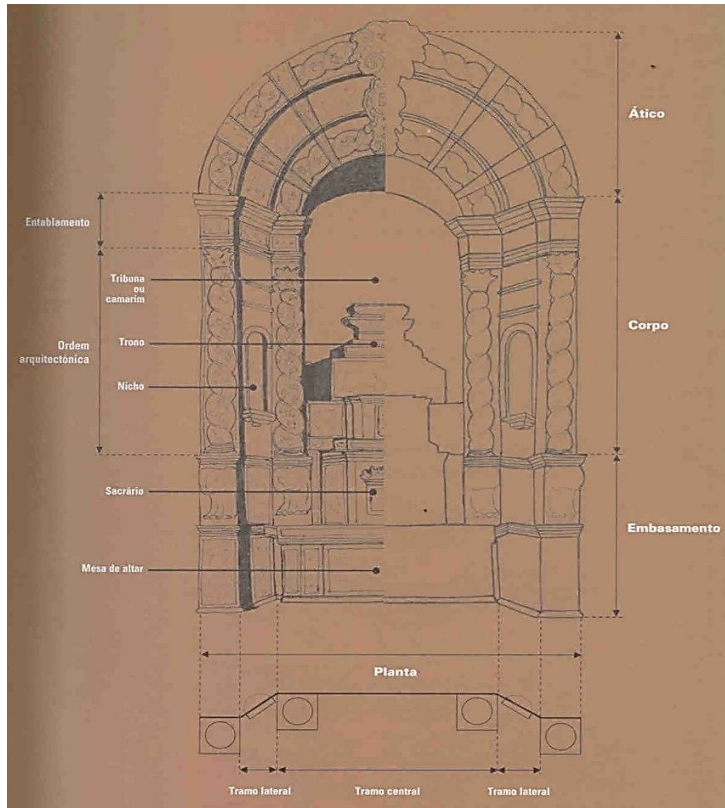
Os retábulos são elementos artísticos que devem ser entendidos como obra arquitetónica. Estes instrumentos litúrgicos e estéticos foram muito eficazes na persuasão e envolvimento dos fiéis nas celebrações cristãs, no interior dos templos. A partir do início do século XVII, eram complementados por diversas manifestações artísticas: a talha, o azulejo, os mármore, as pinturas, o estuque, entre outras (Lameira, 2005).

A seguir, apresenta-se uma breve abordagem morfológica. A planta, em projeção horizontal, pode ser plana ou reta, em perspectiva côncava, perspectiva convexa ou mista (convexa e côncava). A mesa do altar era um elemento litúrgico fundamental, pois os sacerdotes celebravam a eucaristia de costas para os fiéis. O embasamento, parte inferior do retábulo é composto por sotobanco, quando este apresenta duplo registo compõe-se também com o banco ou predela. O corpo, que surge acima do embasamento, é constituído pelos elementos fundamentais arquitetónicos - colunas (base, fuste e capitel), pilares ou pilastras, elementos de sustentação. Os tramos, espaços intercolúnios, são normalmente preenchidos por nichos ou mísulas onde se expõe imagens escultóricas.

Sobre o corpo, surge o entablamento composto pela arquitrave, pelo friso e pela cornija, servindo de remate. Na parte central da maioria dos retábulos, surge um espaço relativamente profundo designado por tribuna ou camarim ou um nicho (abertura de

menor dimensão e profundidade). Para completar os elementos compositivos fundamentais, a par do embasamento e do corpo, rematando o retábulo, aparece o ático, parte superior do retábulo (Lameira, 2005), como explicitado na Figura 6.

Figura 6. Morfologia do Retábulo



Fonte: Lameira (2005)

A cobertura da nave e da capela-mor eram idênticas, uma abóbada de berço apoiado numa cornija que corria somente nas paredes laterais (Medinas, 1994), exemplificado na Figura 7.

Figura 7. Cobertura da nave e capela-mor (abóbada de berço).



Fonte: Os Autores

Os claustros também indicam a regularidade existente entre os conventos, marcado pelo número de arcos e pela existência de quatro retábulos em terracota (Figura 8). Estes arcos são caracterizados por um ritmo diferente, novo e mais simplificado, “rompendo com as tradições construtivas do gótico e do manuelino” (Medinas, 1994: 120), ostentavam um arco de volta perfeita no piso inferior e um arco abatido no piso superior. Rejeitam a utilização de ordens arquitetónicas com capitéis trabalhados, “privilegiando a rusticidade, esteticamente mais próxima da austeridade que os frades comungavam e na qual viviam” (Medinas, 1994: 121), conforme figura 9. A cobertura do piso inferior é de abóbada de penetração, enquanto a do superior é de berço (Figura 10).

Figura 8. Retábulo em terracota do claustro do convento de Elvas.



Fonte: Os Autores

Figura 9. Claustro do convento de Borba.



Fonte: Os Autores

Figura 10. Abóbadas do claustro do convento de São Francisco de Portel.



Fonte: Os Autores

Ao centro rasgava-se um poço abastecido por uma cisterna que cobria toda a área do subsolo, onde reservavam as águas pluviais que ali entravam (Conceição, 1740, Correia, 1991, Medinas, 1994, Pignaton, 2014), mostrado nas figuras 11 e 12.

Figura 11. Claustro com o poço do convento de N. Sra. Da Piedade em Vila Viçosa.



Fonte: Os Autores

Figura 12. Aqueduto com canalização e cisterna do convento de Bom Jesus de Valverde.



Fonte: Os Autores

5. REUTILIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO: SUSTENTABILIDADE PARA O TURISMO CULTURAL

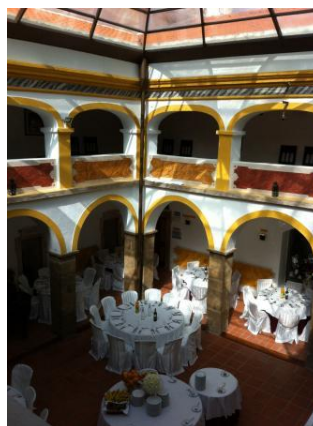
A localização dos conventos fora dos aglomerados urbanos e da cidade histórica influenciou definitivamente o destino destes, que após a extinção das ordens religiosas, em 1834, com a perda da sua função inicial, alguns edifícios sofreram profanação, demolições, alterações da imagem arquitetónica, entre outras realidades (Marado, 2003).

A reutilização do património contribuiu para que alguns destes edifícios fossem recuperados, evitando desta forma, o seu desaparecimento. Dentre os vinte conventos estudados apenas sete foram reutilizados para fins turístico-culturais, garantindo a sua integridade física, sendo estes os que serão focados neste trabalho.

Os conventos de Santo António de Évora, convertido em seminário, e o de São Francisco de Elvas, onde está instalado o Arquivo Histórico Municipal, encontram-se em bom estado de conservação. É de referir que o centro Histórico da cidade de Évora e o de Elvas, incluindo outros monumentos, foram classificados como Património da Humanidade pela UNESCO, tornando essas cidades, destinos importantes de turismo cultural. Sendo assim, os conventos foram readaptados e estão em contexto turístico.

O convento de Santo António de Alter-do-Chão foi convertido no Hotel Convento de Alter. Recebeu adaptações necessárias para a reutilização: o claustro, que recebeu uma claraboia (cobertura transparente), transformou-se em restaurante (figura 13), as celas, pequenos dormitórios, foram unidas e ampliadas para dar lugar aos quartos (figura 14); as cercas onde estavam as hortas foram transformadas em jardins com piscinas, entre outras modificações. As salas do antigo convento, usadas para meditação, leitura e reuniões, transformaram-se em sala de convívio, sala de jogos e bar. O antigo refeitório foi ampliado para dar lugar a um restaurante.

Figura 13. Claustro atual do convento de Alter-do-Chão



Fonte: <https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/06/1a/1a/4c/hotel-convento-d-alter.jpg> e

<https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/07/ca/9c/aa/sala-de-pequeno-almoco.jpg>

Figura 14. Quarto atual do convento de Alter-do-Chão



Fonte: <http://b.otcdn.com/imglib/hotelfotos/8/191/hotel-convento-dalter-alter-do-chao-057.jpg>

O Convento de Santo António de Tavira foi reutilizado como Hotel Convento dos Capuchos de Tavira, que também se adaptou para dar lugar à nova realidade. Criou-se ambientes rústicos e aconchegantes, as hortas deram lugar à piscina e aos jardins, alguns ambientes ampliaram-se e transformaram-se em espaço de convívio, os quartos foram modificados e combinados, distribuindo-se à volta do claustro, como visto na figura 15.

O convento de Bom Jesus de Valverde encontra-se em poder da Universidade de Évora, que o transformou em Albergaria. Neste convento, os espaços também foram readequados para a nova destinação a que se propôs. As celas abriram-se transformando-

se em quartos, as salas foram ampliadas, redefinidas e alteradas para salas de convívio, salas de reunião, entre outros espaços próprios de uma albergaria (figura 16).

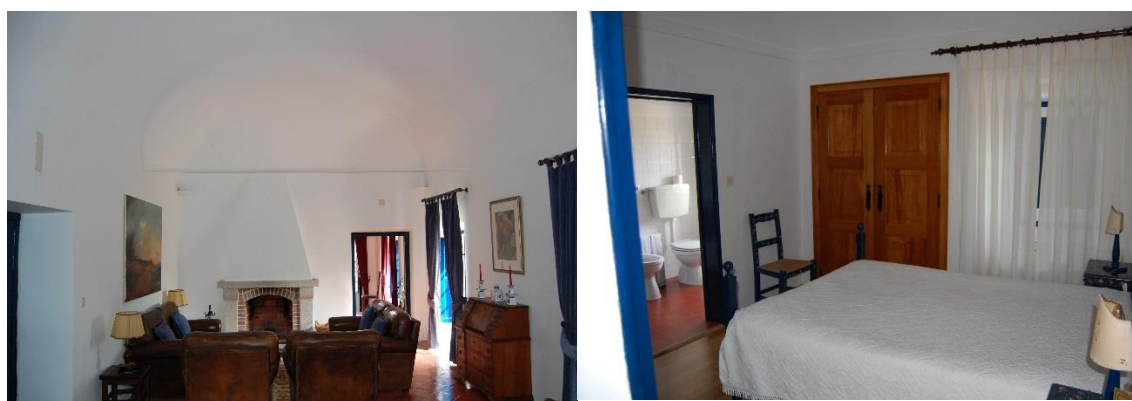
A análise fotográfica, as imagens obtidas, a observação direta e as entrevistas realizadas permitiram inferir que os edifícios aqui analisados e que foram transformados em meios de hospedagens denotam um bom estado de conservação, com suas igrejas revelando originalidade estruturalmente, e o seu interior ainda possuindo retábulos originais. Tal fato conota, de certa forma, a sustentabilidade do património material, preservando o aspecto histórico-cultural-arquitetónico, apesar das readaptações ou alterações sofridas nos conventos.

Figura 15. Dependências do Convento de Tavira



Fonte: <http://www.hoteis.pt/8898/Turismo-de-Habitacao-Convento-de-Santo-Antonio>

Figura 16. Espaços da Albergaria do Convento de Bom Jesus de Valverde.



Fonte: os autores

O convento de Santo António de Loulé experienciou muitas utilizações ao longo do tempo, sofrendo muitas adulterações, até ser restaurado e destinado para espaço turístico-cultural, pelo poder público, salvaguardando, desta forma, o que restou do edifício do século XVII.

A vila do Redondo sofreu uma intervenção que requalificou quase toda a zona histórica, estando inserido também nestas obras o convento de Santo António, que foi convertido em museu do Barro, apresentando-se em bom estado de conservação (figura 17). A sua igreja apresenta originalidade estrutural; os retábulos em pedraria, estão em bom estado de conservação. É de referir que estes retábulos, conforme revelam documentos manuscritos, tiveram o seu risco e execução entre os anos de 1760 a 1764 (Pignaton, 2014).

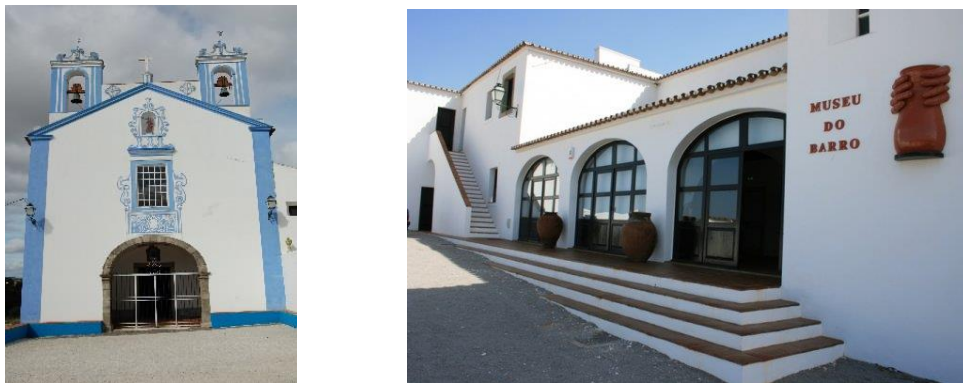


Figura 17. Convento Santo António do Redondo

Fonte: Autores

Fonte: http://www.visitalentejo.pt/fotos/produtos/51259_600_0.jpg

6. CONCLUSÃO

Este artigo teve por objetivo analisar a relação entre a reutilização do património arquitetónico e a sustentabilidade do turismo cultural, tendo como objeto de investigação os conventos Capuchos da antiga Província de Piedade, atual Alentejo e Algarve, Portugal. Após a análise de todos os conventos desta região, no total de 20, identificou-se que 7 foram reutilizados para fins turísticos e culturais, nomeadamente, o Convento Santo António de Évora, Convento Santo Francisco de Elvas, Convento Santo António de Alter do Chão, Convento Santo António de Tavira, Convento Bom Jesus de Valverde, Convento Santo António de Loulé e o Convento Santo António do Redondo.

Notou-se que houve uma sustentabilidade do património arquitetónico a partir da reutilização como produto turístico-cultural dos edifícios investigados, denotando o carácter de preservação promovido pelo uso consciente e responsável da atividade turística, como pôde ser observado no Convento de Santo António de Loulé, cujo edifício se encontrava em ruínas e foi resgatado pela câmara municipal, transformando-o em espaço cultural, tal como o Convento de Santo António do Redondo, utilizado como museu.

Os três conventos que se salientaram como meio de hospedagem, sendo restaurados e reutilizados como atrativo turístico, denotando também o carácter de sustentabilidade, foram o Convento Santo António de Alter do Chão, Convento Santo António de Tavira, Convento Bom Jesus de Valverde, que se encontram em bom estado de conservação.

Por fim, dois conventos, o de Santo António de Évora e o de Santo Francisco de Elvas encontram-se inseridos numa cidade cujo centro histórico e alguns outros edifícios foram classificados pela UNESCO como Património da Humanidade, o que permitiu, por consequência a preservação desses edifícios.

Tendo em mente a visão de sustentabilidade cultural da Organização Mundial do Turismo e o resultado deste estudo, foi possível perceber um alinhamento e integração entre o património arquitetónico e a perspectiva cultural da atividade turística, permitindo que o turismo contribua sobremaneira para a preservação histórico-cultural da humanidade.

BIBLIOGRAFIA

- Ahebwa, W. (2015). Bridging community livelihoods and cultural conservation through tourism: Case study of Kabaka heritage trail in Uganda. *Tourism and Hospitality Research*.16(2).
- Almeida, F. (1968). *História da Igreja em Portugal*. (Vol. II). Porto-Lisboa: Livraria Civilização— Editora.
- Andrade, M., Pina, M., Santos, M. & Sousa, B. (2002). *Guia Histórica das Ordens Religiosas em Portugal: das Origens a Trento, um projeto de investigação*. Centro de Estudos de História Religiosa. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Ashworth, G. (1995). Heritage, tourism and Europe: a European future for a European past. *Heritage, tourism and society*, 68-84.

- Azevedo, C. M. (2000). *História Religiosa de Portugal*. (Vol. 1). Lisboa: Círculo de leitores.
- Azevedo, J. (1992). *Inventário Artístico Ilustrado de Portugal, Algarve e Regiões Autónomas dos Açores e Madeira*. Lisboa: Ed. Nova Gesta.
- Bardin, L. (2006). *Content Analysis* (LA Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisbon: Editions, 70.
- Baudrihayé, J. (1997). El turismo cultural: luces y sombras. *Revista Estudios Turísticos*, 134, 43-54.
- Bonink, C. (1992). *Cultural Tourism Development and Government Policy*.(Tese de Mestrado). Rijksuniversiteit, Utrecht.
- Bryman, A. (2015). *Social research methods*. Oxford University Press.
- Castro, J. B. (1763). *Mappa de Portugal Antigo e Moderno* (Segunda Edição) (Tomo Segundo, Parte III e IV). Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- Conceição, Frei A. da (1740). *Claustro Franciscano, erecto no domínio da Coroa Portuguesa*. sl: Oficina de António Isodoro da Fonseca.
- Cooper, C., Fletcher, J., Gilbert, D., Sheperd, R. & Wanhill, S. (1998). *Tourism: Principles and Practice*, Longman, London.
- Correia; J. E. H. (1991). *A importância dos Colégios Universitários na Definição das Tipologias dos Clautros Portugueses: Actas do Congresso de História da Universidade 1991*, (im Separata do Vol. 2º). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Costa, C. (1996). *Towards the improvement of the efficiency and effectiveness of tourism planning and development at the regional level: planning, organizations and networks*, (Tese de Doutoramento). Department of Management Studies, University of Surrey. Disponível em <http://epubs.surrey.ac.uk/657/1/fulltext.pdf>, acedida em 21 de fevereiro de 2016.
- Costa, C. (2005). *Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do setor do turismo (1990-2000)*, in *Análise Social*, (Vol. XL, 175), Aveiro, Universidade de Aveiro, pp.279 – 295, disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-5732005000300002, acedido em 3 de Abril de 2016.

International Journal of Scientific Management and Tourism , 2016, Vol. 2 N°4 pp 321-348, Pignaton, A., Alcoforado, E., Antunes, B., y Costa, A.C.: ANÁLISE DA REUTILIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO NA SUSTENTABILIDADE DO TURISMO CULTURAL

Cravidão, F. & Santos, N. (coord) (2013). *Turismo e Cultura. Destinos e competitividade*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Cupeto, C. A. (2003). *A sustentabilidade da actividade turística*, Atas do Colóquio Ibérico de Geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Faro, Frei J. de, Fragmento Académico (1721). *Notícias geraes e particulares da Provincia da Piedade. Da regular observancia de N° P. S. Francº*. s.l.: s.ed.

Ferreira, A. M. (2003). *O Turismo como Propiciador da Sustentabilidade dos Centros Históricos Urbanos. O Caso Algarvio*, (Tese de Doutoramento). Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Flick, U. (2009). *An introduction to qualitative research*. Sage.

Gazzola et. al. (1964). *Carta de Veneza*. Acedido a 17 fev. 2016. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>.

Garrigos, R. (1998). *La gestion y el Gestor del Patrimonio Cultural*, Murcia: Editorial KR.

Gerring, J. (2007). *Case study research: principles and practices*. Cambridge University Press.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

Giudici, E., Melis, C., Dessì, S., & Ramos, B. F. P. G. (2012). Is intangible cultural heritage able to promote sustainability in tourism? *International Journal of Quality and Service Sciences*, 5(1), 101–114.

Harper, D. (2004) "Photography as Social Science Data," in U. Flick, E.v. Kardorff, and I. Steinke (eds.), *A Companion to Qualitative Research*. London: SAGE. pp. 231-236.

Ingram, H. (2003). Cultural Tourism: The Partnership between Tourism and Cultural Heritage Management. In McKercher and Cros. *Cultural Tourism: The Partnership between Tourism and Cultural Heritage Management*. Binghamton, NY: Haworth Hospitality Press.

Jennings, G. (2010). *Tourism Research*. 2.^a Ed., Milton: John Wiley & Sons Australia.

- Lameira, F. (2005). *O Retábulo em Portugal, das Origens ao Declínio*. Faro: Universidade do Algarve.
- Lei nº 107/2001 de 8 de setembro da Assembleia da República. *Procuradoria Geral Distrital de Lisboa*. Acedido em 30 jan. 2016. Disponível em http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_estrutura.php?tabela=leis&artigo_id=&nid=844&nversao=&tabela=leis&so_miolo=
- Marado, C. (2003). *Los Edificios de los Antiguos Conventos Capuchos en el Algarve: Localización e Integración. Memorias en el Espacio Urbano* (Tese de Doutoramento). Universidade de Sevilla.
- Marado, C. (2008). Os Frades Capuchos no Reino do Algarve, Processo de Instalação e Tipologia de Localização, *Anais do Município de Faro* (Vol. XXXIII-XXXIV). Faro, Edição Câmara Municipal de Faro, 12-27.
- Marujo, N. (2014). A Cultura, o Turismo e o Turista: que relação?, *TURyDES – Revista de Turismo y Desarrollo*, n.º 6 (15), p.1-12.
- Mason, P. (2003). *Tourism Impacts, Planning and Management*, Butterworth - Heinemann, Oxford University.
- McKercher, e Cros, H. (2002). *Cultural tourism: the partnership between tourism and cultural heritage management*. Haworth Hospitality Press.
- McKercher, B., Ho, P. S. Y., & du Cros, H. (2005). Relationship between tourism and cultural heritage management: evidence from Hong Kong. *Tourism Management*, 26(4), 539–548.
- Medinas, V. (1994). *A Arquitectura Capucha da Província da Piedade* (Vols. I e II), (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Moletta, V. & Giodanich, K. (2000), *Turismo Cultural*, 2.ª Ed, Porto Alegre: Sebrae, p.9.
- Monforte, Frey M. de (1696). *Chronica da Província da Piedade, Primeira Capucha de Toda a Ordem & Regular Observancia de Noffo Seraphico Padre S. Francisco*. Dedicada ao Serenissimo Senhor Dom Joam, Principe de Portugal e Duque da real Casa de Bragança. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, Impressor da Sua Magestade.

- International Journal of Scientific Management and Tourism* , 2016, Vol. 2 N°4 pp 321-348, Pignaton, A., Alcoforado, E., Antunes, B., y Costa, A.C.: ANÁLISE DA REUTILIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO NA SUSTENTABILIDADE DO TURISMO CULTURAL
- Peralta, E. (2003). O Mar por Tradição: o Património e a Construção das Imagens do Turismo, *Horizontes Antropológicos*, Ano 9, nº 20, p.83-96.
- Petroman, I. (2013). Types of cultural tourism. *Scientific Papers Animal Science and Biotechnologies*, 46(1), 385-388.
- Pignaton, A. (2014). *Retábulos Capuchos da Província da Piedade*, (Dissertação de Mestrado) em História da Arte, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.
- Prats, Llourenç, (1997). *Antropologia e Património*, Editorial Ariel, S.A, p. 19.
- Richards, G. (1996). *Cultural Tourism in Europe*, 2.^a Ed, Wallingford.CAB International, p.46.
- Richards, G. (2001). *Cultural attractions and European tourism*. 3^a. Ed p.63-68.
- Richards, G. (2013). *Cultural Tourism*, In Blackshaw, T. (ed.) *Routledge Handbook of Leisure Studies*. London CAB International, p.483- 492.
- Ruhanen, L. (2013). Local government: facilitator or inhibitor of sustainable tourism development? *Journal of Sustainable Tourism*, 21(1), 80–98.
- Salazar, N. (2012). Community-based cultural tourism: issues, threats and opportunities. *Journal of Sustainable Tourism*. 20(1), 9-22.
- Smith, M. (2004). Seeing a new side to seascides: Culturally regenerating the English seaside town, *International Journal of Tourism Research*, 6 (1), p. 17-28.
- Soini, K., & Birkeland, I. (2014). Exploring the scientific discourse on cultural sustainability. *Geoforum*, 51, 213-223.
- Strauss, A.,& Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.
- Throsby, D. (2009). Tourism, heritage and cultural sustainability: three golden rules. *Cultural Tourism and Sustainable Local Development*, 1-9.
- Urry, J., (1994). *Cultural Change and Contemporary Tourism*, *Leisure Studies*, n ° 13, p.233-238.
- UNWTO. (2001). *Cultural Heritage and Tourism Development*. (UNWTO)

- UNWTO. (2006). *A Report on The International Conference on “Cultural Tourism and Local Communities”*. Yogyakarta, Indonesia. (UNWTO).
- UNWTO. (2010). *Tourism Satellite Account: Recommended Methodological Framework 2008*. Madrid: World Tourism Organization.
- UNWTO. (2011). *Communicating Heritage: A Handbook for the Tourism Sector*. (UNWTO)
- UNWTO. (2013). *Sustainable Tourism for Development Guidebook*. Madrid: World Tourism Organization (UNWTO).
- Valle, P. O., Guerreiro, M., Mendes, J., & Silva, J. A. (2011). The cultural offer as a tourist product in coastal destinations: The Case of Algarve, Portugal. *Tourism and Hospitality Research*, 11(4), p. 233–247.
- Vargas-Hernández, J. G. (2012). Sustainable cultural and heritage tourism in regional development of Southern Jalisco. *World Journal of Entrepreneurship, Management and Sustainable Development*, 8(2/3), 146–161.
- Yin, R. K. (2013). *Case study research: Design and methods*. Sage publications.